

POR DENTRO DO JOGO

David Fleischer

Alô Brasília: Múcio vem aí

Na reta final da campanha presidencial, o povo brasileiro começa a pensar em como que tudo isto vai afetar a sua vida, a sua rotina, o futuro político de Brasília. Eleito o candidato A, B ou C para o segundo turno e tomando posse como presidente, em janeiro ou março, que consequências traria para o Distrito Federal?

Na verdade, o próximo presidente vai ter uma influência muito grande sobre a cidade hospedeira do Governo Federal — direta e indiretamente. Diretamente, porque o novo presidente vai indicar (sujeito à aprovação do Senado Federal) o último governador biônico de Brasília para um mandato-tampão de um ano, até 15.03.91, quando tomará posse o primeiro governador eleito por via direta. É justamente nesta eleição do novo governador, em 03.10.89, que o novo presidente vai exercer uma influência indireta muito grande, para tentar eleger um governador afinado com o seu esquema político, pois, ao contrário, poderia ser bastante complicada para os dois (governador e presidente), e mais ainda para a população local. Esta sem dúvida será a argumentação principal do novo presidente na campanha eleitoral em Brasília em 1990. Vamos às perspectivas.

Em primeiro lugar, o novo presidente vai trabalhar com dois nomes: um para ser o governador biônico de mandato-tampão e o nome principal para disputar a eleição direta para governador. O nome biônico, naturalmente, terá que ser uma pessoa totalmente afinada com o esquema, que vista a camisa do segundo nome na campanha direta. Ao mesmo tempo, seria uma pessoa abnegada, por abrir mão de disputar qualquer cargo eletivo em 1990 (governador, senador, deputado federal ou deputado distrital), e ao mesmo tempo não aspirar fazer parte do novo governo federal, no primeiro ano, mas, quem sabe, viria a ser nomeado para um cargo importante na esfera federal em 1991, em compensação pelos bons serviços prestados — caso consiga eleger seu sucessor, se não...

Vamos aos principais candidatos, com alguma chance de se ele-

ger. No caso de Fernando Collor de Mello, fala-se em dois nomes de amigos de infância do candidato, jovens empresários do ramo imobiliário em Brasília — Paulo Octávio e Luiz Estevão. Não se sabe qual poderia vir a ser o biônico e o eleito, nem se um terceiro nome viria a ocupar o mandato-tampão. De passagem, fica evidente que construído um belo imóvel no Setor Hoteleiro Norte como sede da campanha *collorida* em 1989, justamente pensando em usar o mesmo para abrigar a campanha de Paulo Octávio ou Luiz Estevão em 1990.

No caso da vitória de Lula, as perspectivas do PT são mais fáceis, pois prega a imediata eleição do novo governador. Um pequeno detalhe; precisaria de uma emenda constitucional neste sentido, que, se passasse, levaria alguns meses, nos quais o PT deixaria o sr. Joaquim Roriz, ou seu atual vice-governador, “respondendo pelo governo do DF”. Provavelmente não se daria assim, e o PT teria que nomear algum biônico por poucos meses, para depois submeter Brasília a duas eleições em 1990; uma especial para governador e depois a eleição geral em 3 de outubro. O nome mais frequentemente mencionado pelos petistas é o do professor Lauro Campos, da UnB.

No caso do PDT, Leonel Brizola poderia ter alguns problemas em acertar o nome de um biônico afinado com o candidato natural à eleição direta para governador — o Senador Maurício Corrêa.

Os *tucanos* até têm nomes demais para a disputa direta: Maria Abadia, Sigmaringa Seixas, Geraldo Campos, mas novamente teriam que barganhar um nome biônico.

Finalmente, chegamos ao caso do candidato mais recente, Sílvio Santos, cuja tarefa, caso vença a eleição presidencial, seria bastante complicado para montar o esquema de Brasília. Obviamente, um forte candidato ao mandato-tampão de governador biônico deve ser o ex-candidato presidencial, o reverendo Armando Corrêa. Esta seria a única maneira pela qual chegaria a ocupar um cargo desta envergadura — por eleição direta

já tentou muitas vezes, sem êxito; e assim teria uma bela recompensa pelo “trabalho” bem-feito. Já para a eleição de 1990, duas correntes fortes estariam em jogo, para Sílvio Santos tentar conciliar. A primeira corrente é de Múcio Athayde — “o homem do chapéu”, que tem um forte esquema eleitoral montado desde 1984/85, quando aspirou se eleger deputado federal ou senador pelo DF, depois que caiu em Brasília de pára-quadras em 1983, eleito deputado federal por Rondônia. Múcio foi escanteado pela Justiça Eleitoral em 1986, por abuso do seu considerável poder econômico na fase pré-eleitoral. Saiu do PMDB e entrou no PMB, e agora reaparece, como “papagaio de pirata” nas andanças de Sílvio Santos em Brasília nestes dias. Iniciado na política por Magalhães Pinto em 1962, os “empreendimentos” imobiliários de Múcio em Belo Horizonte e na Barra da Tijuca (Rio) o tornaram bem conhecido.

A segunda corrente política que poderia ficar ligada a Sílvio Santos em 1990, via família Sarney, é do atual governador Joaquim Roriz, que tem um esquema político em formação para apoiar a sua candidatura ao GDF no ano que vem. Sendo que o articulador principal desta candidatura é (era) José Sarney, que também é responsável pela entrada de Sílvio Santos, é possível que, caso venha a ser eleito presidente da República em 1990, Sílvio Santos apoie Roriz para o governo.

Por outro lado, se as recentes pesquisas da *Soma* tiverem fundamento, parece-nos que a Novacap caminha na mesma direção da Velhacap. Nos anos de 1940 e 1950, após receber migrações de todos os cantos do Brasil, o antigo Distrito Federal — cidade de Rio de Janeiro, foi chamada de “caixa de ressonância de opinião política nacional”, com muitos deputados e senadores fazendo política para a plateia carioca. Agora as pesquisas da *Soma* mostram que o eleitorado de Brasília antecipa, em 10 a 15 dias, mudanças importantes na corrida presidencial, como o início da queda de Collor de Mello, ou a arrancada de Lula.